

Citações bibliográficas – Sexo como acontecimento

POR RODRIGO ALMEIDA E TATIANE COSTA

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana Online*, [s. l.], ano 3, n. 7, p. 1-49, mar. 2012. Disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.

“Lacan estruturou o inconsciente da mesma maneira que alguma coisa no aparelho do corpo, da mesma maneira que uma zona erógena, como uma borda que se abre e se fecha.” (MILLER, 2012, p. 18)

“É preciso ainda introduzir as propriedades do corpo sexuado, particularmente sua mortalidade, sua relação como Outro sexo, sua individualidade, e através disso, o que é trazido por Lacan como uma perda de vida que comporta, como tal, a existência do corpo do sujeito” (MILLER, 2012, p. 22)

“Há um corpo que fala. Há um corpo que goza por diferentes meios, o lugar do gozo é sempre o mesmo, o corpo.” (MILLER, 2012, p. 45)

“*A relação sexual não existe* quer dizer que o gozo provém como tal, do regime do Um [...] ao passo que o gozo sexual [...] possui o privilégio de ser especificado por um impasse, quer dizer, por uma disjunção e por uma não relação.” (MILLER, 2012, p. 47, grifo no original)

“[...] o transcendental da estrutura. Transcendental quer dizer, exatamente, o que condiciona a experiência, as fronteiras que são colocadas em toda experiência possível. [...] A estrutura comporta furos e, neles, há lugar para invenção, para algo de novo, para os conectores que não estão ali desde sempre.” (MILLER, 2012, p. 48)

LEGUIL, Clotilde. *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016.

“O gênero, em psicanálise, é concebido para além dos determinismos anatômicos ou sociológicos. Se, em matéria de gênero, há determinismo, este é de ordem psíquica e inconsciente.” (LEGUIL, 2016, p. 90)

“A perspectiva do inconsciente permite situar a relação do sujeito com sua vida sexual em outra cena que não as da anatomia e da construção social.” (LEGUIL, 2016, p. 91)

“A perspectiva do inconsciente faz então do sexo o lugar de um questionamento, que conduz o sujeito a inventar sua própria relação com o gênero, a partir de sua experiência do desejo. As categorias de homem e de mulher, em psicanálise, não são tanto normas, mas, antes, o resultado de um percurso subjetivo do ser falante a partir de seu próprio interesse em seu desejo.” (LEGUIL, 2016, p. 95)

BASSOLS, M. O objeto (a)ssexuado. In: *Opção Lacaniana online nova série*, Ano 7. n. 21, 2016. Disponível em: [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/O_objeto_\(a\)ssexuado.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/O_objeto_(a)ssexuado.pdf)

“Efetivamente, a significação do falo, seja por sua presença ou por sua ausência, continua sendo aquilo que introduz a diferença no *continuum* do real do sexo, e o que dá ao objeto sua significação sexual para o sujeito. A multiplicidade dos chamados gêneros, índice de novas identificações, não poderia ser entendida sem sua referência à multiplicidade das significações do falo, aos seus véus e desvelamentos para significar o desejo. Na falta dessa significação, é o corpo do sujeito que virá a ser o suporte no real da diferença impossível de simbolizar. O resultado é uma espécie de transformação contínua de um corpo em outro que aboliria a diferença (...).” (BASSOLS, 2016, [s. p.])

“Se consideramos agora mais de perto os novos simulacros da sexualidade e seus objetos, vemos que essa disjunção entre o significante do falo e o gozo do corpo aparece de modo mais claro: a significação fálica vinculada ao desejo do Outro tende hoje a separar-se cada vez mais dos fenômenos de gozo do corpo considerado como um gozo autista, separado do Outro.” (BASSOLS, 2016, [s. p.])

“Estamos agora em outro registro distinto do registro do significante do falo como significante do desejo do Outro que dava significação sexual a esse desejo e a seus objetos; estamos no registro do gozo autista, do gozo Uno que não implica o Outro. No lugar desse Outro, o que o sujeito encontra é o objeto que está no núcleo de seu gozo mais ignorado e que é finalmente um gozo assexuado, que não está significado pela diferença sexual. É esse objeto o que importa realmente na experiência analítica quando é levada ao seu final e é o objeto que faz par com o Uno do gozo no sintoma do sujeito.” (BASSOLS, 2016, [s. p.])

“Desde este paradigma, a clínica analítica não é uma clínica das identificações normativas, onde há tantos gêneros sexuais quanto uns possíveis queiram se propor. A clínica analítica é uma clínica da escolha do sujeito causada pelo objeto *a*, que é um objeto (a)ssexual, um objeto sem Outro, fundado no Um do gozo.” (BASSOLS, 2016, [s. p.])